



VENTOS PROMISSORES EM 2008, A NÃO SER QUE...

Continente conhece expansão econômica inédita há décadas. Problemas maiores estão na esfera política e na relação com os Estados Unidos. Mas incertezas na economia mundial podem afetar seriamente a região

Por Gilberto Maringoni

Há quase nove anos a América Latina tornou-se um laboratório de alternativas políticas e econômicas. O marco inicial das novidades foi a eleição de Hugo Chávez à Presidência da Venezuela, em dezembro de 1998. O que parecia ser parte de possível exotismo local evidenciou-se como tendência continental. A partir daí elegeram-se Lula, Kirchner, Evo Morales, Tabaré Vázquez, Daniel Ortega e outros. Poucos eram conhecidos além de suas fronteiras há uma década. Mais do que novas caras, eles representam a chegada de novos setores sociais ao poder.

Longe de significar a adoção de orientações aventureiras, a democracia tem se fortalecido de maneira inédita e as economias nacionais exibem um raro vigor. Após experimentar, nas últimas décadas, uma sucessão de práticas econômicas alardeadas como a salvação para superar o atraso secular, o quadro mudou. Os governos identificados com orientações neoliberais acabaram vencidos nas urnas por candidatos alicerçados em plataformas reformistas. Há quem fale em uma onda esquerdista na região. Outros apontam a tentação populista. São apreciações simplistas. Cada presidente dessa nova safra pilota administrações pautadas pelo pragmatismo. Em comum apresentam um giro no papel do Estado, que deixa de ser um intruso nas relações econômicas e tenta ser, em graus variados, um ator de peso na cena institucional.

Em ritmo de expansão econômica

Segundo o *Balanço preliminar das economias da América Latina e do Caribe em 2007*, divulgado em dezembro pela Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), órgão da ONU, a expectativa é de que

o crescimento médio da região atinja 5,6% no ano. Os picos ficam com o Panamá (9,5%), a Argentina (8,6%), e a Venezuela (8,5%). Há quase dez anos não havia tanto investimento externo direto como os US\$ 95 bilhões registrados nos últimos 12 meses.

Não há milagres nem as políticas econômicas domésticas mudaram tanto para justificar tal melhoria. Os principais fatores estão no vigor recente do mercado mundial. A entrada da China como grande consumidora de matérias-primas e *commodities*, juntamente com aumentos na demanda por alimentos, provocou uma alta de preços em mercadorias que o continente tem a oferecer. Segundo o *Financial Times* de 16 de dezembro último, “os preços da soja estão em seu ponto mais alto em 34 anos e os preços do milho se aproximam do seu pico mais elevado em 11 anos”. A esses motivos se somam os recordes recentes nos preços do petróleo, com benefício direto para a Venezuela.

O caso argentino é surpreendente. O país conheceu o inferno econômico, após uma queda de mais de 15% do PIB entre 2001 e 2002. O número de pobres dobrou entre 1990 e 2004, após mais de uma década de políticas liberalizantes. Nos quatro anos e meio do governo de Néstor Kirchner, a economia se recuperou e cresceu quase 50%. O mandatário argentino surpreendeu o mundo das finanças com uma suposta heresia: a renegociação forçada e unilateral de sua dívida pública, a partir de 2002. Agentes financeiros e a imprensa de vários países alardearam que o céu desabararia sobre a Casa Rosada, com possíveis reflexos no Brasil. Nada aconteceu e a situação melhorou. O relatório da Cepal prevê pequena perda de ímpeto daqui para